

PALAVRA “NEGRO” NO BRASIL: Perspectiva de dominação em Marx e Bourdieu

Joel Nemona Mendes¹

RESUMO

Existem, na sociedade brasileira, a ignorância e a negação da natureza ofensiva da palavra “negro”, por grande parte dos intelectuais e da elite política. O objetivo deste artigo é analisar os sentidos e significados da palavra “negro” atribuída aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes, como representação da dominação, intrinsecamente ligada a sistemas de colonização, escravidão e capitalismo primitivo (escravista). Ao aglutinar os sentidos e significados da palavra “negro” ao conceito de dominação, percebemos que a análise de Marx e Bourdieu sobre a dominação reflete as relações de poder entre a classe dominante 'branca' e a classe dominada 'afro-brasileira'. Para tanto, foi feita a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com embasamentos teórico básico de dominação social em Marx e dominação simbólica em Bourdieu. Os resultados indicam que, a palavra “negro” reflete a dominação dos “Afros” em todos os aspectos da vida humana.

Palavras-Chave: Palavra “negro”. Colonização. Escravidão. Capitalismo. Dominação.

RÉSUMÉ

Il y a, dans la société brésilienne, méconnaissance et négation du caractère offensant du mot “nègre”, par la plupart des intellectuels et l'élite politique. Le but de cet article est d'analyser les sens et les significations du mot “nègre” attribué aux Africains colonisés, asservis et à leurs descendants, en tant que représentation de la domination, intrinsèquement liée aux systèmes de colonisation, d'esclavage et de capitalisme primitif (esclavagiste). En agglutinant les sens et les significations du mot “nègre” au concept de domination, on a remarqué que l'analyse de Marx et Bourdieu sur la domination reflète les relations de pouvoir entre la classe dominante 'blanche' et la classe dominée 'afro-brésilienne'. Pour cela, une recherche bibliographique a été menée, à caractère qualitatif, avec les fondements théoriques de la domination sociale chez Marx et de la domination symbolique chez Bourdieu. Les résultats indiquent que le mot “nègre” reflète la domination des “Afros” dans tous les aspects de la vie humaine.

Mots-clés : mot “nègre”. Colonisation. Esclavage. Capitalisme. Domination.

¹ Assistente Social CRESS, 6ª Região/Uberlândia. Mestrando em Ciências Sociais stricto sensu pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós graduado em Docência para Ensino Superior Lato sensu pela Universidade Paulista (UNIP). Graduado em Serviço Social pela Universidade Paulista (UNIP) e Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Goiano (STBG). E-mail: jnmendes1234@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar os sentidos e significados da palavra “negro”, denominação identitária forjada e atribuída aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes. Sabe-se que a injúria racial, referente a palavra negro e seus subjacentes macaco, gorila, banana, senzala, África, feio, sujo e outros, é um fenômeno real da atualidade e recorrente, a nível internacional e particularmente no Brasil. Esta prática está presente em todas as camadas e esferas sociais. Pois, o interesse por este artigo e a percepção da sua relevância vieram a partir da frequência de casos de injúria racial alusiva a palavra “negro” no Brasil e pela viabilidade de estudar o fenômeno e dissecar os sentidos e significados da palavra “negro”, por meio de método científico, com uma análise aprofundada de seus conceitos ancorados em dicionários Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018).

Em uma sociedade preconceituosa, o negro é visto como ser inferior, primitivo, retardado, perverso, desonesto, tolo, possuidor de maus instintos, sujo, irresponsável, preguiçoso, incapaz, etc. Esses preconceitos tornam-se traços semânticos das palavras preto/negro que vão sendo reproduzidos nas inúmeras metáforas que utilizam essa cor (OLIVEIRA & PAIVA, 1998: 109). A prática de injúria racial e violência simbólica contra os agentes sociais “Afros”, no âmbito do uso da palavra “negro²” é um dos problemas sociais pertinentes da atualidade internacional e nacional. Sem dúvida, os agentes sociais “Afros²” indignam-se ao serem chamados de “negros”.

Contudo, é possível afirmar que existem, na sociedade brasileira, a ignorância e a negação sobre a natureza ofensiva da palavra negro, muitas vezes, por grande parte dos intelectuais, acadêmicos e elite política da classe dominante branca. De fato, seria errôneo pensar assim, porque compreende-se que, a palavra negro foi reestruturada a partir da palavra latina “*nigra*”, forjada, inventada e atribuída aos africanos e seus descendentes na diáspora.

De acordo com “*A Biblia Sacra Vulgata*”: “*nigra sum sed formosa filiae Hierusalem sicut tabernacula Cedar sicut pelles Salomonis*” significa: “*I am black but beautiful, O ye daughters of Jerusalem, as the tents of Cedar, as the curtains of Solomon* (GRYSON, 1778: 997). A ideia de designar um homem ou um grupo pela cor era impensável na mentalidade greco-romana e francesa. Quanto a cor da pele, pode se observar que a palavra latina “*nigra*” não tinha a conotação de ‘feio, sujo, escravo’ nem caracterizava uma cor congênita ou um grupo humano, mas, sim, expressava uma beleza após ser bronzeada. Para tanto, várias indagações foram feitas na tentativa de descobrir a partir de teorias e conceitos de classe, espaço social, capital e dominação os elementos que influenciaram o forjamento da palavra “negro³”. Nesse sentido, o objeto de estudo expressa-se a seguir: Por que a palavra “negro” foi reestruturada, forjada, inventada e atribuída aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes?

Considerando-se o problema constatado, a saber, a negação da natureza ofensiva da palavra “negro” por grande parte dos intelectuais, acadêmicos e elite política e o objeto da pesquisa, que é o forjamento e a atribuição da palavra “negro” aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes, é possível admitir que, os agentes sociais “Afros” são identificados e chamados de “negros”, de forma estrutural e oficial, reconhecido pelo Estado brasileiro, enquanto, uma análise minuciosa da Carta Magna de 1988 não menciona nenhuma vez a palavra “negro”, como denominação identitária dos descendentes

² “**Afros**”: para o autor deste artigo, afro entre aspas identifica os africanos, no sentido amplo, ou seja, todos os agentes sociais de ascendência africana, tanto afro-brasileiros, haitianos, colombianos, angolanos, congolezes, americanos, jamaicanos, nigerianos, franceses etc. no Brasil.

³ **Negro entre aspas** quer dizer o autor deste artigo não concorda com a atribuição da palavra negro aos “Afros”. A aparição do termo negro só acontece em caso de uma citação de um outro autor ou para não sair do contexto atual do uso da mesma e explicitar corretamente o enunciado. É inadmissível, numa sociedade democrática, ancorar nos materiais didáticos educacionais a ofensa contra qualquer indivíduo, independentemente da sua raça, religião, origem ou grupo étnico. Desta forma, poder-se-á dizer que a injúria racial, no uso da palavra “negro” é estrutural no Brasil.

africanos. Aliás, a Carta Magna de 1988 menciona a palavra “afro-brasileira”⁴. Ademais, as indagações feitas, levaram a problematização deste estudo. São elas: (i) por que a palavra “negro” foi forjada e atribuída aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes? (ii) quais são os sentidos e significados da palavra “negro”? (iii) por que o Estado brasileiro identifica e chama os afrodescendentes de “negros” enquanto a Carta Magna de 1988 menciona a denominação identitária “afro-brasileira”? Qual é a função social da palavra “negro”? por que alguns Afro-Brasileiros e movimentos sociais afrobrasileiros, que lutam contra o racismo, paradoxalmente, fazem a autodesignação e a tentativa de positivar e objetivar a palavra negro?

Em vista disto, foram propostas as seguintes hipóteses: (i) a palavra “negro” tem conceitos racistas e emana da governamentalidade do Estado colonial e escravocrata (português/brasileiro), (ii) a palavra “negro” é uma expressão de dominação, forjada para reforçar e justificar os sistemas de colonização, escravidão e capitalismo escravocrata, (iii) a palavra “negro” é uma representação negativa de exclusão social, classificação social, estereótipos sociais, discriminação racial, preconceitos raciais e de marca.

PALAVRA “NEGRO”: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Parte-se de conceitos da palavra “negro” ancorados em vários dicionários, claramente atribuídos aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes. O “Grande Dicionário Português publicado em 1873 define a palavra negro como:

Negro (a), adj. Que pertence a raça negra. Livido, magoado. Ter o corpo negro de pancadas – Escuro, escurecido, cerrado -Preto; emprega-se muitas vezes para designar plantas, animais, etc. Porco, sujo, imundo, enxovalhado; diz-se principalmente da roupa, e de mãos – Figuradamente: infeliz, infausto, triste, luctuoso; que aflige, que entristece, odioso, indigno; diz-se de certas ações más, de alguns delictos, etc. – Negra calúnia. – Negra ingratidão. – Horrível, hediondo, medonho. – Familiarmente: Afflicto, entelado, em aperto. – Reputação, fama negra; que denigra, ou enegrece (VIEIRA, 1873: 425-436).

Paralelamente, vários dicionários contemporâneos continuam ancorando os conceitos ofensivos da palavra “negro”. O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2006) afirma que:

Negro adj. 1. Que recebe a luz e não a reflete. 2. Preto, escuro. 3. Sombrio. 4. Trigueiro. 5. Triste. 6. Infeliz, mofino. 7. Fúnebre, tétrico. 8. Nefando. 9. Aflito, apoucado. • s. m. 10. A cor negra. 11. Negrura. 12. Roupa muito escura. • adj. s.m. 13. Diz-se de ou indivíduo de pele muito escura. 14. [Antigo] Diz-se de ou escravo de pele escura. 15. [Tipografia] Diz-se de ou tipo de letra de imprensa cujo desenho se caracteriza por traços mais grossos que o comum dos tipos e empregado para pôr em destaque alguma parte do texto. Superlativo: negríssimo e nigérrimo (PRIBERAM, 2006 – Online).

Na sequência, para o Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, negro” é:

[...] adj. 1. Que é de cor escura. 2. Preto; muito escuro. 3. Escurecido pelo tempo ou pelo sol. 4. FIG Sombrio, triste, funesto, infeliz. 5. FIG Tétrico, ameaçador. 6. FIG Maldito. s.m 7. Homem de raça negra; preto. 8. ANT. Escravo; homem que trabalha muito. Dim.: negrilho, negrinho. Aum.: negraço, negralhão, negrão. Col.: negrada, negralhada, negraria. Sup.abs. sint.: nigérrimo. Ant.: claro, branco (RIOS, 2018: 364).

⁴ Ver SEÇÃO II, da Cultura, no Art. 215, § 1º e § 2º, que cita as categorias étnicas “indígena e afro-brasileira” e ainda fala de outros segmentos étnicos nacionais (BRASIL, 2020: 211).

Analisando-se os três conceitos de Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018), é possível categorizar os adjetivos utilizados. Para Vieira (1873): “lívido, magoado, porco, sujo, imundo, enxovalhado, infeliz, infausto, triste, luctuoso; que aflige, que entristece, odioso, indigno, horrível, hediondo, medonho, afflicto, entelado, em aperto”.

QUADRO 1- Injúria racial contra africanos colonizados, escravizados e seus descendentes, ancorada no dicionário da língua Portuguesa publicado em 1873

Condição/Característica	Adjetivos, atributos e sinônimos
1. Corporal e Higienica	Lívido, porco, sujo, imundo, enxovalhado
2. Psicomental e emocional	Magoado, infeliz, infausto, triste, lutuoso, afflicto, triste
3. Comportamental	Insatisfação, indignação, revolta; indigno, odioso, medonho.
4. Humana, moral e social	Horrível, hediondo, entelado, em aperto

Fonte: Mendes, Joel Nemona, a partir de Vieira (1873)

Em segundo lugar, Priberam (2006) utilizou os seguintes adjetivos para conceituar a palavra negro: “que recebe a luz e não a reflete, preto escuro, sombrio, trigueiro, triste, infeliz, mofino, fúnebre, tétrico, nefando, aflito, apoquentado, indivíduo de pele muito escura, um escravo de pele muito escura”.

QUADRO 2- Injúria racial contra “afros” ancorada no dicionário Priberam, publicado em 2006

Condição/Característica	Adjetivos, atributos e sinônimos
1. Ciência Física	Recebe luz e não a reflete
2. Corporal, aparência (cor da pele)	Preto, escuro, sombrio, trigueiro, escuro, apoquentado
3. Psicomental e emocional	Triste, infeliz, mofino, aflito,
4. Mortal	Fúnebre, tétrico
6. Animalização, coisificação, desumanização	Nefando

Fonte: Mendes, Joel Nemona, a partir de Priberam (2006)

Em terceiro lugar, o Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Rios (2018) destaca os seguintes adjetivos como sinônimos da palavra “negro”, que qualificam os “Afros”: “de cor escuro, preto, muito escuro, escurecido pelo sol, sombrio, triste, funesto, infeliz, tétrico, ameaçador, maldito, homem de raça negra, escravo, homem que trabalha muito, ant.: claro, branco”.

QUADRO 3- Injúria racial contra “afros” ancorada no Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa publicado recentemente por Rios (2018)

Condição/Característica	Adjetivos, atributos e sinônimos
1. Espiritual, moral	Maldito; funesto, ameaçador
2. Corporal, Racial, de aparência	cor escuro, preto, sombrio
3. Psicomental e emocional	Triste, infeliz,
4. Mortal	Fúnebre, tétrico
5. Exploração, subjugação e dominação	Escravo, homem que trabalha muito
7. Racismo em suas várias expressões	Ant. Claro, branco (ant. = antônimo=cujo sentido é contrário ao outro (branco)

Fonte: Mendes, Joel Nemona, a partir de Rios (2018)

Ora, esta apresentação esquemática de conceitos da palavra “negro” aponta a injúria racial em quase toda a dimensão humana dos “Afros”. De fato, isso reflete a razão e a governamentalidade do Estado colonial, escravocrata, capitalista escravocrata e corrente, na subjugação, exploração, animalização, objetização, alienação e dominação dos povos africanos colonizados, escravizados e de seus descendentes. Nessa perspectiva, revela-se a necessidade de articular teorias e conceitos para que se desvendem as intenções e práticas ideológicas por trás da palavra negro. Realmente, a palavra negro é relacionada a cor, a inferioridade, marginalização, opressão, escravidão, dominação e outras.

CAPITAL E DOMINAÇÃO SOCIAL EM MARX

Em sua obra “O Capital”, Marx (2013) analisa a sociedade capitalista e apresenta uma teoria crítica do capitalismo, que permita uma compreensão detalhada do seu funcionamento lógica interna e revela os mecanismos de exploração dos trabalhadores. O autor destaca quatro noções fundamentais, a saber, “mercadoria, capital, exploração e acúmulo de capital”. Portanto, vamos abordar de forma sucinta, as noções de “mercadoria e exploração”, intrinsecamente ligadas ao conceito de dominação. [...] a mercadoria e sua formação, pois o capitalismo continua a ser, mesmo em sua fase amplamente financeirizada, um modo de produção de mercadorias. [...] trata-se do capital em sua relação direta de exploração da força de trabalho [...]. Por isso, o modo de produção se define pela correspondência entre as forças produtivas e as relações de produção.

Ao se falar de forças produtivas, pensamos em seres humanos (trabalhadores), bem como ferramentas, máquinas, etc., que também são referidos como “meios de produção”. As relações de produção designam as relações sociais entre as classes antagonistas. Ora, a mercadoria, como qualidade (valor de uso) e quantidade (valor de troca), é produzida no modo de produção capitalista e é a forma básica do capital ou seja, o sinal do acúmulo da riqueza das sociedades capitalistas. Pois, o trabalho humano é fundamental na compreensão substancial de valor de uso e troca de mercadorias. O autor vê no modo de produção capitalista, a transformação do capital humano em mercadoria. É neste aspecto que correlacionamos o trabalho humano escravo e a mercadoria, ou seja, os africanos escravizados eram considerados de “mercadoria”, cuja força de trabalho só beneficia os “senhores de engenho”.

Sem dúvida, o capitalismo teve uma influência preponderante na invenção do nome negro. Pois, o século XV marcou a primeira grande virada no capitalismo europeu, afirma Marx (1965):

A descoberta das minas de ouro e prata da América, o extermínio das populações nativas, sua redução à escravidão ou seu enterro nas minas, a conquista e o início da pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África em um vasto recinto onde os traficantes de escravos caçavam negros, tudo isso caracteriza o alvorecer da era da produção capitalista (MARX, 2013: 197).

De certo, o tráfico de escravos transformou o trabalho humano em capital fixo que produziu a riqueza e o desenvolvimento do capitalismo. Porém, “o negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como igual (FERNANDES, 2013:14)”. Para Marx (1998: 48), os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante.

Pois, os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão idealizada das relações materiais dominantes, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação. Sem dúvida, a esquematização de conceitos da palavra “negro” reflete o pensamento dos dominantes, ou seja, a razão de Estado e a governamentalidade colonial e escravocrata, herdadas pelo Estado brasileiro corrente. Desta forma, pode se afirmar que, o nome “negro” ainda leva consigo a tragédia da escravidão, da colonização, do capitalismo escravista e do racismo e conserva os sentidos e significados racistas atribuídos aos povos africanos e seus descendentes na diáspora. Ora, a violência verbal, psicológica, simbólica e a humilhação associadas ao termo “negro” reaparecem, perduram e são recorrentes na sociedade tanto global quanto brasileira, em forma de dominação da categoria étnica afrodescendente.

CAPITAL E DOMINAÇÃO SIMBÓLICA EM BOURDIEU

Sem dúvida, os sistemas de colonização, escravidão e capitalismo escravista (primitivo) influenciaram fortemente o forjamento da palavra ofensiva “negro”. De certo, o tráfico de escravos, portanto, teve um impacto maior e positivo na economia mundial e na industrialização de muitos países. Porém, Marx (1996) leva à tona a prática brutal da violência, que pode ser pensada em vários aspectos, a saber, violência física, moral, verbal, psicológica, simbólica e outras. A partir das concepções de Marx e Weber, Bourdieu desenvolve a concepção de um espaço social atravessado por relações de dominação.

Segundo Bourdieu (2011), o espaço social é constituído por classes relativamente fechadas e desigualmente dotadas de diferentes capitais que são o conjunto de recursos que o indivíduo pode potencializar em diversas situações sociais. Ele distingue quatro tipos de capital: (i) capital econômico composto de todos os recursos de um indivíduo. (ii) capital cultural, o mais importante para Bourdieu, diz respeito a todos os conhecimentos e habilidades que o indivíduo possui, suas qualificações educacionais, seus bens culturais; (iii) capital social que é constituído pela rede de conhecimento que o indivíduo pode ativar para adquirir uma posição social e (iv) capital simbólico que valida para o indivíduo um certo prestígio social nos jogos dos outros. o capital simbólico permite aumentar o valor de outros tipos de capital. Assim, o lugar de um agente social ou grupo de indivíduos no espaço social depende, portanto, de sua dotação de vários capitais. Pois, a hierarquia social, portanto, surge da distribuição desigual desses diferentes capitais. Pierre Bourdieu distingue, portanto, as classes sociais ao olhar para a posse desses capitais e *habitus*, ou seja, os modos de ser, de pensar e de agir, próprios dos membros dessa classe.

Destarte, as relações de força se exercem no campo do poder, entre dominantes e dominados. Essa luta se manifesta no campo simbólico, na maneira de ver e de pensar, que é a fonte da violência simbólica. Ademais, Bourdieu (2007) considera que, ao ser dominado, esta dominação permeia e cobre também o conhecimento da dominação. Em outros termos, ser dominado é também ser alienado e colonizado, por dentro, pelo olhar do dominante, em algumas dimensões. “Toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade que não é submissão passiva a uma coerção externa nem livre adesão a valores (BOURDIEU, 2003: 37). Isto reforça a ignorância e a negação da injúria racial por parte da maioria dos agentes sociais dominantes.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “Sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”. As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 2003: 11).

Ademais, Bourdieu (2012: 239) considera que a dominação simbólica como “formas de coerção que se baseiam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais”. O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder (BOURDIEU, 2007: 40, 52). Pois, a dominação simbólica funciona enquanto o dominado não tem plena consciência de estar sujeito à dominação e é cúmplice, em parte, da dominação a que está sujeito. De outro lado, em sua obra, “Razão da crítica negra”, o professor Mbembe (2018) afirma que:

O nome Negro em particular libertou, durante muito tempo, uma extraordinária energia, ora como veículo de instintos inferiores e de forças caóticas, ora como signo luminoso da possibilidade de redenção do mundo e da vida num dia de transfiguração [...]. Além de designar uma realidade heteróclita e múltipla, fragmentada – em fragmentos de fragmentos sempre novos-, este nome assinalava uma série de experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia; o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida (MBEMBE, 2018: 19).

Diante do exposto, é possível afirmar que a palavra “negro” representa simbolicamente a dominação dos Africanos e seus descendentes espalhados no mundo em todas as dimensões humanas, pelos dominantes Brancos. Desta forma, foi possível, a partir de uma releitura crítica dos conceitos da sociologia de Bourdieu, refletirmos sobre a relação de poder, que estabelece e se desenvolve entre estrutura e agente, entre Afro-Brasileiros e Brancos. Ora, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído (MUNANGA, 1986: 11). Pois, esta exclusão parte, primeiramente, de diferenças de características físicas, que segundo os dominantes são descritas como estranhas, bizarras, horríveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua obra “O Capital”, Marx (2013) explicita a relação social entre capital e dominação e fornece a ilustração clara da questão de “Acumulação primitiva de capital”. Esta relação é inseparável das outras relações de poder, devido ao processo de regulação de trabalho e o custo da força de trabalho, vistos por Marx como relações de dominação, historicamente contraditórias. Nesse sentido, pode se falar da dominação do trabalho, dominação no trabalho e dominação pelo trabalho. Segundo Cardoso (2003: 40), os escravos aparecem como coisas, como mercadorias, reguladas pelo processo econômico, sem que na análise do capítulo se revelem, entretanto, as vinculações com a prática social global que nos faziam aparecer sob esta forma e, menos ainda, as tensões derivadas da condição de homem da mercadoria-escravo. Visto que, os escravizados africanos eram dominados e considerados como “mercadorias”, em benefício dos capitalistas, senhores de engenho; esta dominação se perpetuou até os dias de hoje; cujos descendentes de africanos escravizados, chamados de “negros”, geralmente, são considerados de “rien”.

De outro lado, ao retomar do Marx, a noção de Capital, Bourdieu faz uma análise aprofundada e multidimensional, proporcionando um melhor entendimento das relações de dominação na sociedade e fundamenta a sua análise de relações de poder entre os dominantes e dominados, a partir da noção de campos, *habitus* e capital, cujos agentes sociais em luta permanente pela manutenção de capital (econômico, cultural, social e simbólico). Bourdieu (2007) ressalta a importância do poder simbólico nos sistemas de dominação porque participa do estabelecimento da violência simbólica e de uma hierarquia tácita de posições e relações sociais. Em adição, a força do poder ou dominação simbólica reside na aceitação da dominação pelos dominados, o que, portanto, permite que essa dominação se dissemine e perdue. Para o autor, o poder (dominação) é compreendido em uma esfera social e coletiva permeada pelo *habitus* e posse de diferentes tipos de capital, em um campo determinado.

Sobre a ignorância e a negação da natureza ofensiva da palavra “negro”, Popper (1998: 11, 12, 36) considera que, a ignorância é algo negativo: é a ausência de conhecimento. [...] Descartes e Spinoza ainda foram mais longe e afirmaram que o erro é também, e não apenas ignorância, é um “defeito”, uma privação de conhecimento, que afeta até mesmo o uso correto da liberdade [...]. A ignorância pode ser o trabalho de poderes que conspiram em nós para nos mantermos neste estado, para contaminar nossa mente fazendo-a penetrar na falsidade, bem como para nos cegar, para nos impedir de ver a verdade manifesta. Isto nos leva a pensar das noções de dominação, alienação, reprodução social e *status quo*. Assim como, a autodesignação e a tentativa de positivação do nome “negro” emana de não-consciência, alienação

simbólica e dominação simbólica.

Outrossim, o pensamento dos dominantes durante a colonização, a escravidão e o capitalismo primitivo (escravista), indica a relação intrínseca entre palavra “negro e dominação”. O conceito de dominação se estende das relações de dominação oriundas da produção capitalista (material e/ou econômica) para as relações de dominação simbólica, associada a distribuição desigual de determinados capitais. Pois, pode se afirmar que, a palavra negro foi forjada para representar social e simbolicamente a dominação dos “Afros”, classificados de inferiores, em todos os aspectos da vida humana. Nesse sentido, com o intuito de compreender os sentidos e significados por trás da palavra negro, a prática de injúria racial e violência simbólica, assim como o seu uso como denominação identitária, com um olhar crítico em noções de poder simbólico e dominação simbólica, observou-se que, o nome “negro”, por um lado, como conceito, e por outro, como sujeito social leva com ele a ideia de dominação social, dominação econômica, dominação racial de Africanos e seus descendentes na diáspora.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O poder simbólico**. Editora Bertrand. Brasil, 2007.

_____. **A Distinção. Crítica social do julgamento**. 2ª Ed. São Paulo, 2011.

_____. **Sur l'État**. Cours au collège de France (1989-1992). Paris, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 105/2019. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.397 p.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**: o negro nasociedade escravocrata do Rio Grande do Sul - Rio de Janeiro, 2003.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 1ª Edição digital. São Paulo, 2013.

GRYSON, Weber. **Bíblia Sacra Vulgata**. 1:4. Editio Quinta, Phillips Academy, 1778.

MARX, Karl. **Value, Price and Profit**. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1996.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O Capital - Livro I**. Crítica da economia política: O processo de produção do **capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Éditions la Découverte, Paris, 2018.

MENDES, Joel Nemoná. **Palavra pejorativa negro**: Perspectiva de dominação em Marx e Bourdieu. Quadros 1, 2 e 3. Dissecção da palavra negro, a partir de Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018). Uberlândia-MG, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo, Ática, 1986.

OLIVEIRA & PAIVA, Vera Lucia Menezes de. **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte Ed.do Autor, 1998.

POPPER, KARL. *Des Sources de la connaissance et de l'ignorance*. Traduit de l'anglais par Michelle- Irène et Marc B. de Launey. Les Éditions Payot, Paris, 1998 [1963].

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Edição do Kindle., 2006.

RIOS, D. Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo, 2018.

VIEIRA, Domingo. **Grande dicionario portuguez**: ou, Thesouro da lingua portugueza, Volume 1, 1873.

Para citar esse artigo: MENDES, Joel Nemoná. **Palavra “negro” no Brasil: Perspectiva de dominação em Marx e Bourdieu**. Revista Educação em foco – Edição nº 14 / UNISEPE – União das Instituições de Serviços, Ensino e Pesquisa. Amparo: 2022.